

---

# OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO: UMA RADIOGRAFIA DAS VIOLÊNCIAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

OS SUPRIDORES, BY JOSÉ FALERO: AN X-RAY OF VIOLENCE IN  
CONTEMPORARY BRAZIL

OS SUPRIDORES DE JOSÉ FALERO: UNA RADIOGRAFÍA DE LA VIOLENCIA  
EN EL BRASIL CONTEMPORÂNEO

---

Ramiro Valdez<sup>35</sup>

## Resumo

O seguinte ensaio propõe uma análise do romance *Os Supridores*, de José Falero (2020), abordando as formas de representação simbólica da violência desde uma perspectiva sociológica. O objetivo é refletir sobre elementos narrativos do livro de Falero, sobretudo em relação às formas como violência e conflitualidade são nele figuradas. Discute-se em que medida este romance se enquadra no gênero literário romance da violência, categoria que segundo Tavares-dos-Santos (2020) surge das metamorfoses dos gêneros romance policial e romance *noir*, em rearranjos agenciados por escritores latino-americanos. A violência, nestas obras, atua como mediadora das relações sociais – o que leva à noção de “violência difusa” discutida por Tavares-dos-Santos, em que a violência se expressa em distintas dimensões da vida social. *Os Supridores* desvela o conflito social do Brasil contemporâneo, com a fragilização das relações de trabalho, a degradação das condições de vida da classe trabalhadora, em suma, com o avanço da agenda neoliberal de modelo latino-americano. Com isso, conclui-se que, pelas especificidades da obra, o romance de Falero pode ser entendido como expoente de uma nova fase do romance da violência, na medida em que a violência, sendo além de difusa e polissêmica, é difundida, em primeiro lugar, das estruturas políticas e econômicas que criam e mantêm as desigualdades sociais. Através de um olhar radiográfico, Falero critica a representação do território periférico como *locus* da violência (Magalhães, 2021, p. 105), isto é, *locus* de onde ela irradia. E ao fazer isso, não apenas questiona, como inverte o vetor de difusão dessas violências.

**Palavras-chave:** Sociologia do romance; Violência difusa; Literatura; José Falero.

## Abstract

---

<sup>35</sup> Mestrando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: mailto:ramirosvaldez7@gmail.com.

The following essay proposes an analysis of the novel *Os Supridores* by José Falero (2020), addressing the forms of symbolic representation of violence from a sociological perspective. The aim is to reflect on narrative elements of Falero's book, especially in relation to the ways in which violence and conflict are figured in it. It is discussed to what extent this novel fits into the literary genre novel of violence, a category that according to Tavares-dos-Santos (2020) arises from the metamorphoses of the detective novel and noir novel genres, in rearrangements agencyed by Latin American writers. Violence, in these works, acts as a mediator of social relations - which leads to the notion of "diffuse violence" discussed by Tavares-dos-Santos, in which violence is expressed in distinct dimensions of social life. *Os Supridores* unveils the social conflict in contemporary Brazil, with the weakening of labor relations, the degradation of the working class' living conditions, in short, with the advance of the neoliberal agenda of the Latin American model. With this, it is concluded that, due to the specificities of the work, Falero's novel can be understood as an exponent of a new phase of the novel of violence, insofar as violence, being besides diffuse and polysemic, is spread, in the first place, from the political and economic structures that create and maintain social inequalities. Through a radiographic look, Falero criticizes the representation of the peripheral territory as the locus of violence (Magalhães, 2021, p. 105), that is, the locus from which it radiates. And in doing so, he not only questions, but inverts the vector of diffusion of this violence.

**Keywords:** Sociology of the novel; Diffuse violence; Literature; José Falero.

### Resumen

El siguiente ensayo propone un análisis de la novela *Los proveedores*, de José Falero (2020), abordando las formas de representación simbólica de la violencia desde una perspectiva sociológica. El objetivo es reflexionar sobre los elementos narrativos del libro de Falero, especialmente en relación con las formas en que la violencia y el conflicto aparecen en él. Se discute hasta qué punto esta novela encaja en el género literario novela de violencia, categoría que según Tavares-dos-Santos (2020) surge de las metamorfosis de los géneros novela policial y novela negra, en reordenamientos agenciados por escritores latinoamericanos. La violencia, en estas obras, actúa como mediadora de las relaciones sociales, lo que conduce a la noción de "violencia difusa" discutida por Tavares-dos-Santos, en la que la violencia se expresa en diferentes dimensiones de la vida social. *Os Supridores* desvela el conflicto social del Brasil contemporáneo, con el debilitamiento de las relaciones laborales, la degradación de las condiciones de vida de la clase trabajadora, en definitiva, con el avance de la agenda neoliberal del modelo latinoamericano. Con esto, se concluye que, debido a las especificidades de la obra, la novela de Falero puede ser entendida como exponente de una nueva fase de la novela de la violencia, en la medida en que la violencia, siendo además difusa y polisémica, se difunde, en primer lugar, a partir de las estructuras políticas y económicas que crean y mantienen las desigualdades sociales. A través de una mirada radiográfica, Falero critica la representación del territorio periférico como el locus de la violencia (Magalhães, 2021, p. 105), es decir, el locus del que irradia. Y al hacerlo, no sólo cuestiona, sino que invierte el vector de difusión de esta violencia.

**Palabras Clave:** Sociología de la novela; Violencia difusa; Literatura; José Falero.

## INTRODUÇÃO

*Os Supridores*, publicado pela Editora Todavia em 2020, é a primeira narrativa longa do escritor gaúcho José Falero, e conta a história de Pedro e Marques. Os dois jovens trabalhadores atuam como supridores na filial de uma rede de supermercados em Porto Alegre e decidem começar a vender maconha para melhorar de vida, aproveitando uma “seca”, ou falta, do produto para se inserir neste nicho de mercado. Falero estreou na literatura com o livro de contos *Vila Sapo* (2019), pela editora independente Vieras Abiertas, e foi através deste livro que entrei em contato pela primeira vez com seu trabalho. Já em seu livro de estreia, Falero demonstrava uma voz potente, crítica, cômica, mordaz, poética e capaz de suspender o leitor em cenas de ação carregadas de tensão, entre o lirismo e a violência.

Com *Os Supridores*, Falero, um escritor autodidata, que até há pouco tempo tinha o ensino médio incompleto e se formou na Educação para Jovens e Adultos (EJA), se consagrou como um dos grandes expoentes da nova literatura brasileira, tendo sido finalista do Prêmio Jabuti 2021 e do Prêmio São Paulo de Literatura 2021. Ganhou prêmios como o da Academia Rio-Grandense de Letras (ARL) e da Associação Gaúcha de Escritores (AGES) em 2021, e foi escritor homenageado da 35ª Feira do Livro de São Leopoldo em 2021. Ainda em 2021, lançou seu terceiro livro, *Mas em que mundo tu vive?* coletânea de crônicas. Em 2022, teve *Os Supridores* lançado na França<sup>36</sup>.

Em entrevista para o Brasil de Fato<sup>37</sup>, Falero diz que esse reconhecimento, assim como suas histórias, seu estilo literário, não são exclusivamente seus; é como se todas as pessoas – amigos, familiares, vizinhos de sua vila<sup>38</sup>, a Vila Sapo, onde nasceu e até hoje vive na Lomba do Pinheiro -, compartilhassem em algum grau a autoria de seus escritos. Como em todos os escritores, em Falero vida e obra se entrelaçam, são inseparáveis; mas um traço distintivo é que o autor reconhece que a

---

<sup>36</sup> Na edição em francês, recebe o título *Supermarché* (2022), e foi lançado pela editora Métailié. Disponível em: <<https://actualitte.com/article/106458/avant-parutions/supermarche-de-jose-falero-le-roman-venu-tout-droit-des-favelas>>. Acesso em 03/10/2022.

<sup>37</sup> “Eu venho desse lugar que as coisas se não são coletivo elas não são, não tem individualismo, não rola, é muito difícil (...). Não dá para centralizar as coisas em mim. É uma homenagem para uma comunidade, para toda uma galera, para uma família, para um povo, para uma nação”. Entrevista com José Falero, “*De onde eu vim, nada é sozinho, tudo é sempre coletivo*”. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/jose-falero-de-onde-venho-nada-e-sozinho-tudo-e-sempre-coletivo>>. Acesso em 28/01/2022.

<sup>38</sup> “Vila” é como se costuma chamar os territórios periféricos no Rio Grande do Sul. Análogo, mas não exatamente igual, a “favela”, “gueto”, “quebrada”, etc.

sua biografia, neste caso, não é apenas a *sua vida*, pois envolve a vida de um monte de gente além dele – sua família, amigos, vizinhos etc. E por isso, imagino, ele quer que o seu reconhecimento seja também coletivizado entre os seus<sup>39</sup>, para que se promova mais literatura nos territórios periféricos, para que cada vez mais autoras e autores periféricos ocupem a literatura, campo que ainda é hegemonicamente ocupado por sujeitos que desfrutam de privilégios de classe e raça.

Nesse sentido, Falero é consciente de que a escrita não é um trabalho absolutamente individual. “A obra literária é a consciência de um sujeito enquanto individualização de uma complexa rede de relações entre vários indivíduos” (Tavares-dos-Santos, 2020). Reconheço que Tavares-dos-Santos coloca essa questão quando fala da potência sociológica da literatura, em sua capacidade de figuração da sociedade, colocando esta rede de relações num sentido mais amplo. Mas o que Falero destaca é que sempre falamos a partir de um lugar no mundo, geralmente um lugar de pertença, de enraizamento. E é nesse sentido que em minhas considerações finais argumentarei que, de forma um pouco diferente de outros autores que versaram sobre o tema da violência, seja no *romance policial*, ou no novo *romance da violência*<sup>40</sup>, Falero tem um olhar desde dentro, capaz de operar uma radiografia do conflito social contemporâneo. É também por razões biográficas que, como se verá mais adiante neste ensaio, Falero olha para a violência difusa e o conflito social instaurado no coração das relações sociais sem fetichizar a periferia como espaço produtor de violência e sem estigmatizar os sujeitos e os corpos que majoritariamente a sofrem. O autor é um homem negro que nasceu e mora em uma vila, que, entre outras ocupações, já trabalhou como ajudante de obras e repositor em supermercado, e já viu a violência, sob suas várias formas, ser aplicada à sua gente, já a sentiu na pele. E, por conta desse olhar, afiado e desde dentro, mas não só por isso, é importante prestar muita atenção no que ele tem a dizer.

---

<sup>39</sup> "A obra, assim, permite ao grupo entender mais claramente suas próprias ideias, pensamentos, sentimentos. Esta é a função da arte: favorecer a 'tomada de consciência' do grupo social, explicitar num grau extremo a 'estrutura significativa' que o próprio grupo elaborou de forma *rudimentar* para orientar o seu comportamento e a sua consciência" (Frederico, 2006, p. 74 *apud* Tavares-dos-Santos, 2020, grifos meus). Chamei atenção, neste trecho, para o termo “rudimentar”, pois está colocado de forma equivocada. O que acontece é que um grupo social é capaz de elaborar estruturas significativas através de diversas formas de codificação e expressão. A literatura é uma delas, e não é superior ou mais sofisticada do que as outras.

<sup>40</sup> Segundo Tavares-dos-Santos, o romance da violência surge na América Latina, na modernidade tardia, e sua emergência se relaciona intimamente com a “histórica social marcada pela violência” no continente (Tavares-dos-Santos, 2020).

Meu objetivo neste ensaio é refletir sobre alguns dos elementos narrativos da obra *Os Supridores*, sobretudo em relação às formas como a violência e a conflitualidade são nela figuradas. Discutirei em que medida o romance pode ser enquadrado no gênero *romance da violência*, gênero literário que segundo Tavares-dos-Santos, em seu livro *O romance da violência – sociologia das metamorfoses do romance policial* (2020)<sup>41</sup>, surge a partir das metamorfoses, agenciadas através de recombinações de gêneros como o romance policial e o *roman noir*, por escritores latino-americanos na modernidade tardia. As narrativas que se inscrevem neste novo gênero literário têm em comum o tema da violência e da conflitualidade como pano de fundo, e “uma racionalidade específica em torno da presença da violência, física, social, criminal, política e simbólica” (Tavares-dos-Santos, 2020); a violência, neste sentido, atua como fenômeno mediador das relações sociais – o que leva à noção de violência difusa discutida por Tavares-dos-Santos, isto é, a violência expressando-se em distintas dimensões da vida social.

Vamos agora às entranhas da obra.

## **RACISMO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: PROVOCAÇÕES SOCIOLÓGICAS À IMAGINAÇÃO DO LEITOR**

Começemos por um aspecto *d’Os Supridores* que considero interessante, e talvez diga algo sobre a tensão intersubjetiva na interlocução autor/leitor, sempre tão carregada de elipses, de preenchimentos, fazendo de todo leitor em alguma medida coautor de todos os livros. Ao longo da narrativa, encontramos diversas provocações ao público que, por múltiplas questões, e dentre elas, questões de classe (e aqui poderíamos entrar numa discussão bourdiana sobre *habitus* e capital cultural, mas por questão de tempo não o farei) costuma consumir literatura com mais assiduidade, isto é, as classes médias, médias altas e altas, majoritariamente brancas. Este comentário inicial tem a ver com a questão racial, e como ela é trabalhada ao longo do livro.

Falero não se furta a falar sobre a situação racial no Brasil, nem a relacionar o presente ao passado; muito pelo contrário, reflexões sobre raça e racismo estão presentes na voz do narrador, nos diálogos entre os personagens<sup>42</sup>, e em seus

---

<sup>41</sup> Não paginado, pelo fato de se tratar de um *e-book*.

<sup>42</sup> Como fica evidenciado neste trecho de um diálogo: “- Mas é verdade, Roberto! Na época dos escravizados, por acaso eu ia ter que aceitar ser um escravizado, sem reclamar e sem tentar fugir, só porque o mundo era assim? Meu pau! Eu ia fugir, mano! Eu ia ser preto fujão! Eu ia fugir e matar branco

próprios pensamentos. Está evidente a consciência, entre os protagonistas, de que sua situação atual é reflexo do passado – do passado colonial, do sistema escravocrata, da estruturação das relações de poder entre as elites e as classes subalternas.

Apesar de descrever a subjetividade de seus personagens em minúcias, adentrando a fundo a complexidade de seus perfis psicológicos, o autor os descreve fisicamente de forma relativamente elíptica. E aí entra uma questão que achei interessante (e posso estar errado aqui): parece que Falero, ao descrever seus personagens de forma incompleta, propositalmente entrega ao leitor um poder maior de imaginar o aspecto físico destes; e acredito que o faz justamente para jogar com a imaginação de seu interlocutor em uma perspectiva sociológica. A forma como imaginamos as características físicas de Pedro, Marques, Angélica, Roberto e Luan, - a quadrilha-cooperativa que venderá maconha de forma horizontal, como se verá adiante - diz muito sobre nós mesmos, sobre como o racismo estrutura as relações sociais no Brasil. Como imaginamos o sujeito periférico? e o traficante? Em minha primeira leitura, tracei mentalmente Pedro e Marques como jovens negros, mas isso não está necessariamente dado. (Interpelo quem já leu o livro: você por acaso os imaginou brancos e de olhos azuis?) O livro fala explicitamente sobre classe e raça, mas falta essa informação sobre os personagens. Como a completamos? Só o fato de imaginar os personagens principais como jovens negros já diz muito sobre a forma como o racismo estrutural nos atravessa subjetivamente. E assim, relendo o romance e refletindo sobre ele de forma mais demorada, percebo que parece haver certa intencionalidade nessas lacunas, mas essa é uma conjectura que só poderia ser confirmada entrevistando o autor.

## **VIOLÊNCIA DO CAPITAL E A LUTA POR DIGNIDADE: O PLANO DE NEGÓCIOS DE PEDRO E MARQUES**

Nascidos e criados em vilas da capital gaúcha, Pedro e Marques dividem as angústias e frustrações relacionadas às suas situações de vida - e sobretudo sua revolta, o acúmulo de pequenas raivas cotidianas<sup>43</sup> e de grandes traumas que

---

pra caralho! Ou, se pá, eles é que iam me matar, mas era isso que eu ia tentar fazer: fugir e matar o máximo de branco que eu pudesse!" (Falero, 2020, p. 190).

<sup>43</sup> Como nesta cena em que Pedro quebra o miolo da fechadura da porta de casa, e percebe que esqueceu seu isqueiro dentro de casa: "Quem visse a maneira fleumática como o jovem conseguiu

marcaram suas vidas<sup>44</sup> -, enquanto comem guloseimas furtadas do estoque do supermercado em que trabalham, que fica localizado no bairro Santana, área nobre na região central da cidade.

O tempo transcorrido na narrativa - em torno de dois anos e meio - é marcado em vários pontos ao longo do texto (“sábado, 7 de fevereiro de 2009”, “quarta-feira, 6 de julho de 2011” etc.). Transitando entre um registro mais formal da língua portuguesa e o registro linguístico das ruas - e sobretudo das vilas - de Porto Alegre, com diálogos repletos de gírias e modismos regionais<sup>45</sup>, Falero transpõe discussões filosóficas para a voz de seus personagens com grande habilidade. Ao mesmo tempo em que sobrepõe, em alguma medida, estes diferentes registros linguísticos, Falero faz referências, diretas ou indiretas, a figuras tais como Karl Marx, Machado de Assis, Quentin Tarantino, Agatha Christie, Bezerra da Silva, Shakespeare, Brecht e Miguel de Cervantes, transitando entre uma suposta “alta cultura” (com muitas aspas) e a cultura popular com facilidade. Ao longo de suas conversas regadas a açúcar e muito sódio, Pedro e Marques dividem risadas e amarguras com pitadas de humor ácido. Em um desses banquetes, Pedro, leitor assíduo de Karl Marx, provoca Marques a refletir sobre sua posição no mundo do trabalho, e sobre seu lugar no mundo de maneira geral, dado o atual estado de coisas:

---

ficar parado ali, debaixo do alpendre da casa, não poderia imaginar a intensidade da cólera que, por um breve momento, percorreu-lhe as entranhas, tal qual uma descarga elétrica. Ele engoliu em absoluto silêncio a palavra feia que lhe tinha subido à garganta e relaxou a mão, que, por iniciativa própria, já ia se fechando para esmurrar a porta com toda a força. (...) Movido a tabaco e maconha, Pedro via a posse de fogo como uma das coisas mais fundamentais de seu dia a dia. Mas, afinal de contas, como fora esquecer *a porra do isqueiro*? Antes tivesse esquecido de vestir as calças, pelo amor de Deus! Ergueu na altura dos olhos a chave, ainda espetada no miolo, e sentiu vontade de chorar, literalmente. Por que sua vida tinha que ser tão miserável?” (Falero, 2020, p. 21-22).

<sup>44</sup> “- (...) A gente sempre viveu onde a vida parece improvável. Sério, pensa bem: é um milagre a gente tá aqui, conversando. É ou não é? Quantos amigo tu já viu ir pro saco, Marques? Às vez, é bala perdida; às vez, confundem o cara com alguém e metem bala no cara; tem maluco que aparece morto a facada num beco qualquer, e ninguém nunca nem descobre o que é que aconteceu; vários vira mendigo, e tu nunca mais ouve falar deles. Uns não aguenta a pressão quando percebe que, por mais que trabalhem, vão ter sempre essa vida de cachorro, sendo chutado aqui e ali, tendo que ouvir desaforo e ficar quieto, às vez tendo que ir pedir um pão na casa do vizinho, enfim, tendo que sobreviver no inferno; não aguenta a pressão e aí se atira no crack, toca a vida dentro da porra dum cachimbo, e derrete tudo, até a alma, sem dó, até morrer, atirado por aí. Quanta gente tu já viu fazer isso, Marques? Uma pá de mano que se criou contigo, que jogou bolita no barro contigo, que foi no baile a primeira vez contigo. Tudo mortinho da silva. Mas a gente tá aqui. Eu nem sei como, mas a gente tá aqui.” (Falero, 2020, p. 181-182); o tema da violência, presente em múltiplas formas no cotidiano e nas histórias de vida das pessoas nas periferias, será abordado adiante.

<sup>45</sup> Segundo Tavares-dos-Santos, “A linguagem da narconovela é uma linguagem popular, tem um valor testemunhal, ao se apropriar de realidades existentes nas cidades na América Latina (...)” (Tavares-dos-Santos, 2020); não estou dizendo que se pode classificar a obra de Falero como narconovela, pelo fato deste gênero estar ligado mais diretamente ao contexto mexicano.

- Mano, se tu soubesse o *ódio* que me dá ter que me mocoçar aqui, feito um rato, pra poder comer minhas coisa em paz... Porra, a gente também é dono dessa merda toda, na real. A gente também é dono dos produto da loja. É tudo nosso também. Sabia disso?<sup>46</sup> (Falero, 2020, p. 50)

Baseando-se na leitura marxista<sup>47</sup> sobre as relações de classe, Pedro convence Marques da grande violência que fundamenta o mundo do trabalho no sistema político-econômico capitalista, explicando que as leis do Estado só existem para proteger o lucro dos patrões em cima do esforço dos trabalhadores.

O trabalho de Pedro, em seus monólogos marxistas, é desfazer o véu da ideologia dominante que ainda sustentava certa resignação em Marques. Explicou ao amigo que ao longo de muitos anos, o absurdo do mundo capitalista foi naturalizado através de um trabalho de hegemonização; a ideologia dominante, que se baseia no mito do esforço individual e no mito do merecimento das classes dominantes para naturalizar a desigualdade e a exploração necessárias para sua continuidade, tornou-se a “realidade”:

- (...) E tu sabe o que é mais assustador nisso tudo, Marques? De algum jeito, fizeram as pessoa acreditar que tá tudo certo. Fizeram as pessoa acreditar que o mundo é assim mesmo. Fizeram as pessoa acreditar que tudo isso é natural, como a chuva ou o vento. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo não existe desde sempre. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo precisou ser planejado nos mínimo detalhe. E repito: não foi nenhum pé-rapado que nem eu ou tu que planejou isso tudo (Falero, 2019, p. 50).

Segundo Pedro, “O problema (...) é que entre o certo e a lei, tem um abismo”, e que o lucro daquele que detém os “fornos de assar pão” (Falero, 2020, p. 52-53), ou seja, os meios de produção, é um “roubo legal”. A discussão sobre Marx, para os personagens, não tem nenhuma pretensão política/revolucionária – eles só querem melhorar de vida. Mas é esta conversa, que relativiza a legitimidade da fronteira entre o legal e o ilegal, e expõe a crueldade do trabalho no capitalismo, que legaliza o roubo dos ricos sobre os pobres, que prepara o terreno para a proposta que Pedro vai fazer a seu amigo algumas páginas adiante: começar a vender maconha em suas vilas.

---

<sup>46</sup> Pedro, assim, adapta a consagrada frase “Se a classe trabalhadora tudo produz, a ela tudo pertence” do filósofo alemão, que é a maior referência intelectual do protagonista, para não soar “metido a besta” aos ouvidos do amigo. Da página 44 até a 63 desenrola-se um longo diálogo sobre exploração da força de trabalho, mais-valia, estruturação do capitalismo, ideologia capitalista, as origens da desigualdade social, consciência de classe.

<sup>47</sup> Embora eu não me considere teórica ou ideologicamente um marxista, e acredite que, sobretudo em relação à sua proposta política, o autor estava equivocado, é inegável o valor e a atualidade de sua crítica econômica do modo de produção capitalista.

Só que o modelo de negócios proposto por Pedro tem uma singularidade: ele não admite ser patrão de ninguém, então propõe que iniciem seu negócio com o princípio de divisão justa e absoluta de todos os lucros, ou seja, de maneira cooperativada. Com base neste modelo horizontal de distribuição dos lucros, com o tempo eles expandem seu comércio e convidam: Angélica, esposa de Marques; Roberto, marido da prima de Pedro; e o adolescente Luan, amigo da dupla e ex-funcionário do mesmo supermercado em que trabalham.

## **GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA: DESIGUALDADE SOCIAL, VIOLÊNCIA DE ESTADO E O ESPAÇO URBANO**

Ponderações sobre a geografia da desigualdade social no espaço urbano permeiam toda a narrativa. Pedro, assim como o autor, nasceu e viveu a vida inteira na Vila Sapo, uma das vilas que se espalham ao longo da Lomba do Pinheiro, na fronteira entre Porto Alegre e Viamão. Marques nasceu na Vila Campo da Tuca, no bairro Partenon, nas imediações da avenida Bento Gonçalves, e depois de mais velho se mudou para a Vila Lupicínio Rodrigues, território periférico no centro de Porto Alegre. O autor, principalmente através da voz do narrador, explora essa distinção entre territorialidades em diferentes trechos da obra, na medida em que a ação dos personagens se desloca no espaço da cidade (e aqui tomarei apenas alguns trechos como exemplo, mas eles abundam ao longo da obra):

Depois, já no interior do outro ônibus, em pé, apertado entre trabalhadores cansados, Pedro perdeu-se em pensamentos, contemplando a noite pela janela. *À medida que o veículo avançava em direção ao extremo leste da cidade pela avenida Bento Gonçalves, a paisagem ia se tornando mais hostil e miserável diante de seus olhos* (Falero, 2020, p. 83-84, grifos meus).

Outra questão trazida em relação ao espaço urbano relaciona-se com a violência simbólica, distinção de classe e a relação centro-periferia, que não é necessariamente geográfica ou espacial, mas diz respeito justamente a assimetrias de poder e acesso a bens e serviços públicos:

A Vila Lupicínio Rodrigues era o indesejado quintal dum importante centro cultural do mesmo nome. E ali estavam os dois colados um no outro, vila e centro cultural, só para provar que a distância entre a cultura e as pessoas pobres não era física. Os moradores da vila preferiam ficar em casa sem fazer absolutamente nada a frequentar os eventos do centro cultural, mesmo que fossem de graça. Era como se soubessem, ou sentissem, que aquilo não estava ali para eles, como de fato não parecia mesmo estar; geralmente, quem frequentava os eventos era gente que vinha de outras partes da cidade – gente que vinha de outras partes da cidade *dirigindo carros caros*. E

enquanto se representava de Shakespeare a Brecht no célebre teatro do centro cultural, o Renascença, a vila ia servindo de palco para tragédias da vida real. Pois, como em qualquer aglomeração de pobres, na Lupicínio Rodrigues também havia pessoas com nervos de aço, sem sangue nas veias e sem coração (Falero, 2020, p. 32-33, grifos meus).

O trecho acima condensa muitos pontos a serem abordados. Para além das questões tocadas acima, outro elemento abordado é a violência como parte do cotidiano dos territórios periféricos, que acompanha a falta de acesso aos serviços públicos, à cultura, a falta de perspectiva e a mortalidade da juventude. Outro aspecto da violência que o livro aborda, na voz de Pedro, enquanto este conversa com Marques sobre sair do ramo do tráfico de drogas, é a violência policial:

- (...) Pra início de conversa, eu nunca quis ser um traficante. Querer uma coisa dessa é até estranho, se tu parar pra pensar. Quem é que vai querer correr o risco de ser preso e passar um tempão lá dentro do presídio? Isso sem falar que o que mais tem é porco ruim: te espanca até não querer mais, antes de te levar preso. Ou até te mata, se não tiver ninguém olhando. Mas te mata assim, na crocodilagem mesmo: te pega de bobeira, dormindo em casa, te manda pro inferno e depois diz que tu reagiu à prisão: é a palavra dum homem da lei contra palavra nenhuma, porque tu tá morto e ninguém viu o que aconteceu. Aí eu te pergunto: quem é que quer uma vida dessa? Quem é que quer desafiar o perigo desse jeito? Não, mano, eu nunca quis ser um traficante. Mas eu também não queria o que tavam me enfiando goela abaixo: a vida fodida que eu tinha. Eu queria era dinheiro, tu sabe. Eu queria era viver como a gente tá vivendo hoje. O problema, sangue bom, é que esse padrão de vida que a gente tem hoje, hum!, esse padrão de vida não é pra gente que nem a gente. A gente quebrou as regra da brincadeira, Marques. A gente foi lá e pegou pra gente o que decidiro que não devia ser nosso nunca. Trampano nesses trampo fodido que tão aí pra gente, a gente nunca que ia ter a vida que a gente tem agora, mano. (Falero, 2020. p. 178).

Note-se como, mais uma vez, o tema da violência policial, isto é, a violência de Estado, entrelaça-se com o tema dos riscos da vida no crime, e com a desigualdade estrutural da sociedade capitalista.

## **POR FIM, A VIOLÊNCIA NUA E CRUA: CONSEQUÊNCIAS ESTRUTURAIS DA INJUSTIÇA SOCIAL**

Um leitor desavisado, ao pegar *Os Supridores* para ler, poderá achar que verá, logo de cara, um banho de sangue, tiroteios épicos, corpos esquartejados expostos em vias públicas, etc. Mas, com sua descrição das condições de vida de Pedro e Marques, e da própria reflexão da dupla em torno disso, Falero nos provoca a pensar sobre as múltiplas dimensões, valências, sentidos e aspectos daquilo que chamamos de violência.

A violência física, a violência letal, só aparece de forma explícita pela primeira vez na página 100 do romance, fechando o primeiro terço da narrativa. Num acidente de trânsito, o irmão de Bison, integrante de uma quadrilha do tráfico da Vila Viçosa, atropelou e matou a filha pequena de Rasga-Bucho, traficante da Vila Nova São Carlos e integrante da quadrilha rival, da vila vizinha. O Rasga-Bucho alvejou o jovem com dezesseis tiros de pistola .40, todos na cabeça. A partir daí se instaurava um clima de guerra na região, o que seria prejudicial para os negócios de todos - sobretudo porque atrairia as forças policiais -, inclusive para o comércio de maconha que Pedro estava pra abrir. Ele serviu como mediador do conflito e foi conversar com os dois chefes, Renato e Valdir – e aproveitou para pedir a eles autorização para vender maconha em sua vila. Pedro convenceu o seu Valdir, chefe do bando de Bison, a desistir da vingança.

O chefe, assim, por puras razões estratégicas, de negócio, assassina Bison a sangue frio, pois sabia que no afã de vingar o irmão, este desencadearia uma guerra na região, o que prejudicaria a todos. A paz foi mantida. E assim, as quadrilhas rivais puderam continuar com seus negócios; e Pedro, com a autorização de ambos os bandos, que só comercializavam cocaína e crack, pôde vender sua maconha em paz.

Em *Os Supridores*, os personagens que mais fazem uso da violência, e a ela mais estão habituados, são aqueles que aparecem como traficantes estabelecidos, que já atuavam no tráfico de drogas antes do início da trama. Estes personagens são Valdir, Bison, Rasga-Bucho, o Véio, os Bala na Cara (facção criminosa muito atuante em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul em geral, conhecida pelas brutalidades cometidas por seus membros) e Alemão, o motoboy que faz as entregas das remessas de maconha para a quadrilha. Há uma exceção neste perfil entre os traficantes, e é Fabrício, distribuidor de drogas no atacado e patrão de Alemão. Fabrício aparece poucas vezes na trama, mora numa “casa respeitável, num bairro sossegado no município de Canoas” com uma “sala luxuosamente mobiliada”. Fabrício está nas camadas altas do tráfico de drogas, e presume-se que seja percebido socialmente, neste universo fictício, como um “cidadão de bem”, com ligações políticas importantes e muita influência.

A trajetória da dupla Pedro e Marques, sobretudo a de Pedro, o protagonista da história – que na última página, numa reviravolta metanarrativa, vai se revelar como o narrador/autor d’*Os Supridores*, tendo escrito o livro de dentro da

prisão – desvela o conflito social do Brasil contemporâneo, com a fragilização das relações de trabalho, a degradação das condições de vida da classe trabalhadora, em suma, com o avanço agressivo da agenda neoliberal de modelo latino-americano. Ao longo desta trajetória, a relação deles com a violência vai mudando. Pedro e Marques, que entram para o ramo da venda de maconha com a pretensão de evitar ao máximo sujar as mãos, só vão fazê-lo, com uso de violência física, no terceiro terço do livro, na página 220, quando um arriscado esquema de venda de maconha dentro do supermercado é descoberto pelo segurança novato, Robson, que flagra Marques buscando buchas de maconha no esconderijo da dupla; para agradar o gerente do mercado, Sr. Geraldo, Robson delata o esquema para ele, que chama a dupla em sua sala e ameaça despedi-los.

Pedro então improvisa uma contra ameaça, que começa numa dimensão psicológica, evoluindo logo, com ajuda de Marques, para agressão física. Dá uns tapas na cara do gerente. Inebriado pela situação, tendo seu “superior” tão vulnerável à sua frente, Pedro experimenta a perigosa e sedutora sensação de poder, de total controle sobre o outro, advinda da experiência de tortura física e psicológica, que revela a ligação forte entre a violência e o poder em seu estado bruto. Sobretudo quando o “outro” é o seu chefe imediato, alguém que supostamente estaria acima na hierarquia das relações de trabalho.

- O senhor não vai querer brincar com a gente, tá vendo? A gente não sabe brincar. - Aquela salinha lhe pertencia [a Pedro]. O supermercado inteiro lhe pertencia. O mundo todo lhe pertencia. O poder infinito galopava em suas veias. Incolor e sem cheiro, o mais bem-guardado dos segredos agora também era de seu conhecimento; doce e picante, diluía-se em seu espírito a mais energizante das percepções: para ter o que se quisesse, eis que bastava ser cruel o suficiente. E era esse entendimento que o fazia voar alto na sensação de ser dono de tudo: já não havia o que não lhe pertencesse, pelo simples fato de que já não havia crueldade que não fosse capaz de cometer. Via-se livre, afinal, de todo e qualquer escrúpulo. Sua alma latejava, parecendo prestes a explodir. Mal conseguia respirar. Precisava aliviar a tensão. Precisava fumar. Sacou o maço de cigarros. Acendeu um, oferecendo-o ao gerente, que aceitou, talvez por medo do que uma recusa pudesse provocar; em seguida, acendeu outro para si próprio. (...) - Pra mim, não tem problema nenhum matar o senhor e enterrar o senhor em algum canto por aí, onde ninguém nunca vá procurar. Eu posso fazer isso e depois ir almoçar, como se nada tivesse acontecido. Eu posso dar um fim no senhor e depois ir dormir, sabe, com a sensação de dever cumprido.- Suspirou longamente, soltando uma espiral de fumaça pelas narinas. Era o cigarro mais prazeroso que já tinha fumado na vida.- Então, seu Geraldo, eu garanto que, se o senhor resolver me foder, não vai ser nada divertido pro senhor. Mesmo que eu seja preso, eu vou dar um jeito de pagar alguém aqui fora pra estuprar a mulher do senhor, estuprar os filhos do senhor e até estuprar o cachorro do senhor. O senhor tem cachorro? Bom, não importa. Aí então, olha só que merda: a casa do senhor vai pegar fogo, com todo o mundo

dentro, menos o senhor. O senhor vai ficar vivo, que é pro senhor lembrar, *todo santo dia*, que a família do senhor morreu queimada, e que o senhor podia ter evitado. Será que o senhor tá entendendo como é que vai ser? (Falero, 2020, p. 221-222).

Após este episódio, Robson, ao sair do mercado no final do expediente, é abordado por Alemão, que mostra a ele suas pistolas 9mm, Ruth e Raquel, com as quais parece ter uma relação quase afetiva, e o espanca brutalmente, ameaçando-o de morte caso denuncie o negócio. Não é preciso dizer quem acionou Alemão para fazer o serviço.

A epopeia de Pedro e Marques, junto com Angélica, Roberto e Luan, começa a tomar tons de tragédia quando chegam na Vila Planetário - onde Luan, recém maior de idade, atua vendendo quilos de maconha no atacado - os Bala na Cara, uma das facções mais temidas do Rio Grande do Sul. Quando estes, em bando, encontram Luan pelas ruas da vila, o rendem e começam a levá-lo para ser executado na frente de todos, com o objetivo de demonstrar força:

- Não, não, calma aí, ninguém atira, ninguém atira, segura, segura, calma aí! – disse imperioso o homem que parecia ser o líder do grupo. - Seguinte: vamo levar ele lá pro Redondo e vamo matar ele lá, que lá tem mais gente e mais gente vai ver. Daí já fica todo mundo sabendo que ninguém tá aqui pra andar de gangorra.  
Houve um sonoro e animalesco burburinho de aprovação. (Falero, 2020, 240).

Luan então tenta dissuadi-los, oferecendo-lhes dinheiro. Leva-os até sua casa, onde está sua mãe, a quem o bando trata com relativo respeito. Mas, não tendo o dinheiro prometido, o adolescente é acometido por uma onda de adrenalina e foge de casa pela janela, deixando sua mãe sozinha com os homens que - depois Luan fica sabendo através de um amigo - a assassinam a sangue frio, na frente de todos, no lugar dele, que fugiu. O jovem atravessa a cidade de moto, indo ao encontro de Pedro, na Vila Sapo, onde relata o que ocorreu. Quando Luan conta o que fizeram com sua mãe, Pedro experimenta uma espécie de catarse:

E foi por ali, por aquela notícia, que o transtorno de Luan vazou, vindo contaminar Pedro. Este já podia sentir um nó grosso se formando na garganta, uma ardência pungente surgindo nas narinas: indícios de que sua alma estava prestes a transbordar, prestes a verter pelos olhos. Nada do que entrava pelo rombo feito em seu coração era bom; ele não sabia se saboreava primeiro o azedume da consternação, a picância da ira ou o amargor do desamparo. Também havia o gosto podre do remorso; afinal, não fora *ele* quem dera início àquilo tudo, com seu maldito sonho de riqueza? Pois bem: agora, ali estava Luan, órfão. O abraço de sua mãe, nunca mais! A voz de sua mãe, nunca mais! Sua mãe, nunca mais! Morrerá. Não só morrerá: fora fuzilada em público! E nada seria feito a respeito. Nada! Era inútil esperar que houvesse comoção: ninguém se importava. Deus, ninguém se importava! Era

o tipo de coisa que acontecia todo dia – todo santo dia! Pobre demais para ser lembrada, preta demais para ser levada em consideração, eis que aquela mulher era expulsa da existência, e mesmo exterminada de maneira tão brutal, mesmo assassinada à luz do dia, mesmo esfaqueada a céu aberto, mesmo aniquilada diante de quem quisesse ver, mesmo assim, nada: ninguém se importava, nada seria feito, ficaria tudo por isso mesmo! Um ser que absolutamente invisível viera ao mundo, absolutamente invisível o habitara e absolutamente invisível desaparecia dele! (Falero, 2020, p. 245-246).

Notamos, no trecho acima, muitas figurações distintas do que pode ser considerado violência: o racismo estrutural, que nega existência aos corpos negros, e revela uma sociedade em que o assassinato de uma senhora negra e periférica não causa comoção social; a violência letal como forma de demonstração de força e exercício de poder; a violência como compensação da dor sofrida, que emerge em forma de vingança<sup>48</sup>.

(...) O mundo estava errado demais, as pessoas estavam erradas demais! Vendo Luan chorar, e entregando-se ele próprio ao choro também, assim Pedro soltou todas as amarras da solidariedade, deixando seu espírito voar solto através da empatia incondicional, pequeno, sufocado, mas ao mesmo tempo imenso, livre! Assim, atingiu a sensação de identificação e, mais que isso, transcendeu-a! pois, num primeiro momento, somente identificou-se com Luan, somente admitiu a si próprio como idêntico a Luan, um ser humano perdido num mundo cruel e terrível, desprovido de lógica e justiça; mas, em seguida, pôde sentir ainda mais: sem saber ao certo se não delirava, e tampouco querendo saber disso, viu claramente que ele próprio *era* o amigo! A dor dele lhe pertencia! Não fora outra mãe que morrera, senão a sua própria! Olhou para o campo, onde o jogo de futebol continuava, olhou para o matagal, onde as árvores ainda dançavam ao vento, olhou para o céu, onde as nuvens seguiam passeando; não sabia para onde olhar; onde quer que olhasse, não via resposta, onde quer que olhasse, não achava esteio. A única coisa que parecia fazer sentido era o fogo que ardia em seu âmago: um implacável desejo de vingança. Agarrou-se àquilo. Deixou-se arrebatado por aquilo. Parou de chorar. Expulsou de si todos os sentimentos, exceto o ódio. Segurou a cabeça de Luan com as duas mãos, com força, e a trouxe para junto da sua, colando testa com testa. E assim, olhos nos olhos, fez uma promessa ao amigo, martelando as palavras:

- *Isso não vai ficar assim!* (Falero, 2020, p. 246-247).

É estranho pensar que a experiência de conexão empática incondicional, que tem contornos quase místicos, é o que leva Pedro a sentir o mais profundo ódio (ou seria o contrário?). E isto leva ao desfecho do livro, ao clímax eletrizante: a quadrilha planeja um atentado aos Bala na Cara, na Vila Planetário, retratado no capítulo Noite Macabra, penúltimo do romance, com o objetivo de matar a todos os membros da facção que ocuparam a Vila Planetário.

---

<sup>48</sup> Segundo Durkheim, “Nós só nos vingamos daquilo que nos fez mal, e o que nos fez mal é sempre um perigo. O instinto de vingança é em suma o instinto de conservação exasperado pelo perigo. (...). É uma arma defensiva que tem seu preço (...).” (Durkheim, 1967, p. 54 *apud* Tavares-dos-Santos, 2020).

O narrador, logo nas primeiras páginas do capítulo, já começa evocando forças demoníacas:

Quarta-feira, 6 de julho de 2011. Frio pesado. Nuvens duras na escuridão do céu. Ventos fortes uivando agourentos nas entranhas da noite. Folhas de papel e sacolas plásticas rodopiando no ar. Algo maligno vagava pelas ruas de Porto Alegre, flutuava nas águas do Guaíba, espreitava por detrás das árvores do Parque Farroupilha. Era possível sentir. Demônios do inferno tinham vindo à capital gaúcha, para ver de perto e aplaudir de pé o que estava para acontecer. (Falero, 2020, p. 260).

Pedro, Luan e Roberto se reúnem a Angélica e Marques na casa dos últimos. Os homens<sup>49</sup> vestem roupas que imitam o uniforme da Polícia Civil, que foram emprestadas, pelo Véio, chefe do tráfico na Vila Lupicínio Rodrigues e amigo de Marques. Carregam e preparam as pistolas, cada uma com dois pentes estendidos de trinta balas, que Pedro conseguiu emprestado de Valdir, por ter mediado a situação de crise entre os bandos rivais da Vila Nova São Carlos e a Vila Viçosa. Angélica decide ir na frente em seu carro, comprar um pino<sup>50</sup> de cocaína para recolher informação sobre a posição dos inimigos na boca de fumo, enquanto os outros iriam no carro que Pedro pediu para um amigo seu, ladrão de carros, roubar para o atentado. Todos os presentes tomam uma dose de uísque, só “pra esquentar o pelo” (Falero, 2020, p. 261), segundo Pedro, e cheiram uma linha grossa de cocaína para ficarem alertas. Alemão chega batendo na porta e gritando “polícia!” para fazer uma “pegadinha” com o grupo. Pedro se dá conta de que, ao avisar Fabrício do ataque, atraiu Alemão, que se juntou ao bando, e cuja experiência em combates armados, coisa que nenhum dos outros tinha, foi importante posteriormente. A cena que se segue é um tiroteio arrebatador, estampidos de diversos calibres, cheiro de pólvora; o grupo pega os inimigos desprevenidos, que estavam num total de quinze, meio bêbados e chapados, e ao final da ação mata quase todos.

Quando parecia que os homens tiveram sucesso em sua vingança sobre os Bala na Cara, Luan, ao vasculhar uma casa, encontra Larissa - a menina por quem é apaixonado, e que já estava desaparecida desde antes da morte de sua mãe - morta. Seminua e amarrada sobre uma cama de solteiro, Larissa jazia com marcas de tiro ao longo do corpo, com indícios de tortura e violência sexual. Luan entra em desespero e começa a gritar pela amada, não acreditando no que está vendo. Quando então

---

<sup>49</sup> Marques convenceu Angélica a não participar da ação por causa dos dois filhos do casal, que ficariam órfãos caso os dois pais morressem.

<sup>50</sup> Uma dose de cocaína que vem em um pequeno recipiente de plástico, semelhante a uma tampa de caneta *Bic*.

surge, atrás dele, um dos sobreviventes do atentado, com uma escopeta calibre 12, e atira em sua cabeça. Pedro, sem pensar em sua própria segurança, vai até a casa e mata o assassino de Luan. Depois todos voltam para a casa de Marques e Angélica. Todos estão absolutamente tristes, enlutados, menos Alemão, que continua descontraído e fazendo piadas. Pedro perde a paciência, e por fim o expulsa da casa. Um tempo depois, no começo da manhã depois da madrugada demoníaca, Pedro é preso, após uma denúncia anônima feita por Alemão. As armas do crime, que devolveria no mesmo dia para Valdir, são encontradas com ele.

É importante notar como, no terço final da obra, a trama evolui em direção ao trágico. Tavares-dos-Santos, analisando o romance *Delírio*, de Laura Restrepo, argumenta que, nesta obra, é possível vislumbrar "(...) a tragicidade pessoal a ecoar a tragédia social." (2020). Com *Os Supridores*, ocorre algo parecido. Mostra a trajetória de dois jovens periféricos, sobretudo Pedro, suas penúrias sendo explorados em empregos formais mal remunerados, seu ápice ganhando muito dinheiro no mundo do tráfico de drogas, e sua queda, quando percebem que seu esquema - arquitetado para ser o mais seguro possível, diminuindo quaisquer potenciais riscos de morte ou prisão - acaba com várias pessoas assassinadas, amigos mortos, e ele mesmo preso. Mas a história de Pedro, mesmo com suas excentricidades – sua personalidade peculiar, sua sede intelectual alimentada pelo autodidatismo, sua proposta de modelo de negócios cooperativado no narcotráfico – reflete a história de tantos jovens brasileiros, precarizados, que, sem perspectiva de vida digna em um sub emprego, recorrem a atividades ilegais para alcançar boas condições de vida para si e para as pessoas que amam – e acabam se envolvendo em situações violentas, brutais, e no limite trágicas, que escapam ao seu controle e marcam suas vidas para sempre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, me questiono o seguinte: em que medida, ou de que forma, *Os Supridores* se encaixa no gênero *romance da violência*? Poderia se afirmar que Falero é representante de uma nova fase deste gênero literário? Se a resposta a essas perguntas for afirmativa, isso pode se dar por razões biográficas, pela relação *vida e obra*. Falero nasceu e foi criado em uma das vilas que fazem parte do cenário do livro, a Vila Sapo, na Lomba do Pinheiro, periferia de Porto Alegre. Sua perspectiva é, em

alguma medida, radiográfica, é a perspectiva de quem viveu e vive o cotidiano que retrata, mesmo que de forma fictícia, enquanto muitos dos autores e autoras que escrevem romances policiais, narco romances ou romances da violência escrevem a partir da pesquisa jornalística, do exercício imaginativo e do consumo da produção midiática e cultural sobre o tema da violência e da criminalidade – tanto no setor literário quanto no audiovisual.

Se Falero pode ser considerado representante de uma nova fase do *romance da violência*, isso se relaciona umbilicalmente com seu lugar como um dos novíssimos expoentes dos autores negros na nova literatura brasileira, juntamente com Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, Lívia Natália, Itamar Vieira Júnior, que abordam temas que se ligam de diversas formas a questões de raça e classe. Esse conjunto de novos escritores e escritoras marca uma reconfiguração na literatura de ficção brasileira contemporânea, que se relaciona também com a diversificação e enriquecimento do perfil social dos escritores. Talvez quanto mais escritores e escritoras negras ou periféricas falarem sobre estes temas, mais se avance na expansão de uma literatura cada vez mais crítica sobre a violência no Brasil e na América Latina, configurando uma nova onda na literatura de ficção nacional, e também no gênero *romance da violência*.

*Os Supridores* pode ser classificado como parte do gênero *romance da violência* na medida em que, em sua narrativa, *violência* é algo difuso, estrutural e polissêmico<sup>51</sup>. Mas o livro, em sua totalidade, fala muito mais sobre a violência do Capital e do Estado sobre os corpos dos de baixo, e do efeito disso sobre a subjetividade das vítimas desta violência estrutural, do que da violência do crime, ou do tráfico de drogas, propriamente dita.

A narrativa faleriana não fetichiza a brutalidade cotidiana vivenciada nas periferias – e nem a oculta, através de recursos como a descrição da periferia como um território idílico, onde todo mundo se ajuda e não há conflito, num recurso à romantização da pobreza. Enquanto, muitas vezes, os livros que representam o gênero *romance da violência* estão saturados de crueldade, com inúmeras cabeças degoladas, corpos mutilados e assassinatos à luz do dia, em *Os Supridores* é possível

---

<sup>51</sup> Segundo Tonkonoff, violência é um “[t]érmino polisêmico, expansivo, repetido en infinidad de contextos para nombrar realidades de lo más diversas. Habría violencias físicas, estructurales, institucionales, simbólicas, de género, de la técnica, raciales, escolares, conyugales, entre muchas otras.” (Tonkonoff, 2014, p. 16)

perceber uma preocupação em não estigmatizar as relações sociais que se dão nas vilas. Falero não nega a presença da violência difusa<sup>52</sup> que permeia o cotidiano periférico, mediando tanto as relações sociais, quanto a relação do Estado com os territórios; mas ao mesmo tempo, o autor descreve o lado fraterno, solidário, das pessoas que vivem nas vilas, inclusive daqueles que trabalham no varejo do comércio de drogas e na ilegalidade de forma geral<sup>53</sup>. Em *Os Supridores*, assim, ao conectar, em uma narrativa coesa e coerente, as diferentes formas como a violência articula o tecido social, ao longo de diferentes geografias, estratos e domínios da vida social, Falero questiona a representação do território periférico como *locus da violência* (Magalhães, 2021, p. 105), isto é, *locus* de onde irradia esta violência. Não apenas questiona, como desloca; acredito que o autor procura demonstrar, através de sua ficção, como a violência irradia, em primeiro lugar, das estruturas políticas e econômicas que criam e mantêm as desigualdades sociais.

O que é violência? Não posso deixar de pensar que essa questão é o pano de fundo filosófico d'*Os Supridores*. E Falero nos convida a desenvolver uma rica reflexão sociológica através de suas páginas, pois “a relação entre romance e sociedade, romance policial e poder, romance e a violência investiga, expõe e explica várias dimensões da sociedade contemporânea” (Tavares-dos-Santos; Teixeira, 2013, p. 22). E nesse sentido a literatura de Falero tem o poder de abrir um espaço epistêmico de reflexão sociológica acerca da violência difusa que estrutura a sociedade brasileira através da ficção, num exercício que não é necessariamente de representação, mas sobretudo de torção do real.

Violência é uma categoria polissêmica. É a ação e a inação do Estado em territórios periféricos – ação através das forças de repressão, e inação quando se trata de serviços públicos; violência é a exploração do trabalho no regime capitalista; violência é a disposição geográfica da cidade, que nega a presença de corpos

---

<sup>52</sup> A noção de violência difusa diz respeito aos “processos de conflitualidade social, contraditórios e tensos” (Tavares-dos-Santos, 2020) que, para além da violência física, imediata, marcam, ou melhor, medeiam a socialidade (neste caso, a urbana) na modernidade tardia, sobretudo na América Latina. Baseia-se em uma “cultura da violência” que legitima os atos de violência, isto é, de exercício de poder de um sujeito sobre o outro numa perspectiva relacional, a nível físico, verbal e psicológico, em âmbito privado, público, político, institucional, trabalhístico, etc.

<sup>53</sup> Esse aspecto da vida no crime também é retratado, com excelência, no documentário do cineasta portoalegrense Wagner Abreu, *De Boca em Boca*, em que este entrevista dezenas de jovens trabalhadores do tráfico de drogas, que contam um pouco de sua história de vida, de sua relação com o tráfico, seus sonhos, traumas, angústias, e também sua relação com a violência. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lh-6v8aPMXw&t=139s>. Acesso em 29 de Outubro de 2022.

subalternizados em determinadas áreas do espaço urbano; violência é a ação de causar dor ou anular, física ou simbolicamente, a existência do outro; violência é um instrumento de poder e controle, e pode também fazer parte das estratégias de negócio – tanto de negócios lícitos quanto ilícitos. Assim, *Os Supridores* não apenas trata desse caráter difuso inerente à ideia de violência, suas múltiplas valências, dimensões e sentidos, mas também aponta, de forma explícita, qual o sentido do vetor dessa difusão. A violência, como fato social, é algo que irradia de cima para baixo, dos centros para as margens, desde os espaços de poder que articulam a exploração e a dominação dos corpos subalternizados.

## REFERÊNCIAS

**DE BOCA EM BOCA.** Direção: Wagner Abreu. Produção: Wagner Abreu. Brasil: 2017. (61 min.).

DURKHEIM, Émile. **De la división del trabajo social.** Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

FALERO, José. **De onde eu venho nada é sozinho, tudo é coletivo.** [Entrevista concedida a] Katia Marko e Fabiana Reinholz. **Brasil de Fato.** 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/jose-falero-de-onde-venho-nada-e-sozinho-tudo-e-sempre-coletivo>. Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

FALERO, José. **Os Supridores.** São Paulo: Todavia. 2020.

FRANCOEUR, Lolita. **Supermarché de José Falero: le roman venu tout droit des favelas.** le roman venu tout droit des favelas. 2022. Disponível em: <https://actualitte.com/article/106458/avant-parutions/supermarche-de-jose-falero-le-roman-venu-tout-droit-des-favelas>. Acesso em: 03 out. 2022

FREDERICO, Celso. **Sociologia da cultura: Lucien Goldmann e os debates do século XX.** São Paulo: Cortez, 2006.

MAGALHÃES, Alexandre. A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2020.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. **O romance da violência** (sociologia das metamorfoses do romance policial). Porto Alegre: TOMO, 2020.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; TEIXEIRA, Alex N. Figurações da Violência: uma apresentação enigmática. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, no 34, set./dez. 2013, Dossiê: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222013000300002&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222013000300002&lng=en&nrm=iso)

TONKONOFF, Sergio. Violencia, política y cultura. Una aproximación teórica. In: BLANCO, Ana Belén; SOLEDAD SÁNCHEZ, María; TONKONOFF, Sergio. **Violencia y cultura**: reflexiones contemporáneas sobre Argentina. Buenos Aires: CLACSO / Instituto de Investigaciones Gino Germani, UBA, Buenos Aires, Julho de 2014.